

O sistema literário e as práticas do sistema literário¹²³

David-Christopher Assmann⁴

Resumo: O artigo discute as práticas literárias como objetos de pesquisa literária e sociológica. Faz-se aqui uma defesa do foco da pesquisa nas questões da execução prática das atividades literárias, na reprodução parcialmente repetida e reiterada e parcialmente indeterminada da literatura e no envolvimento da dimensão simbólica e material dos textos literários em contextos de prática social. Para isso, o artigo apresenta as premissas básicas da teoria da práxis, classifica o estudo das práticas literárias nos estudos literários em termos de histórico de pesquisa, apresenta as tendências atuais da pesquisa praxeológica e discute as perspectivas e os desejos de um estudo literário das práticas literárias.

Palavras-chave: Sistema literário, prática da atividade literária, metodologia.

Zusammenfassung: Der Beitrag diskutiert Literaturbetriebspraktiken als Gegenstände literaturwissenschaftlicher und soziologischer Forschung. Formuliert wird ein Plädoyer, Fragen nach dem praktischen Vollzug literarischer Tätigkeiten in den Blick zu nehmen, nach der teils routinisierten, teils unbestimmten Reproduktion von Literatur und nach dem Involviertsein der symbolischen wie materiellen Dimension literarischer Texte in soziale Praxiszusammenhänge. Dazu stellt der Beitrag praxistheoretische Grundannahmen vor, ordnet die literaturwissenschaftliche Untersuchung von Literaturbetriebspraktiken forschungsgeschichtlich ein, stellt aktuelle Tendenzen

¹ Ensaio originalmente publicado no volume OTTO, N. & ELIT, S. (org.) **Grundthemen der Literaturwissenschaft: Literarische Institutionen**. Berlin: De Gruyter, 2019.

² Tradução de Henrique Sagebin Bordini

³ Nesta tradução optou-se por traduzir o termo **Literaturbetrieb** por sistema literário. O termo alemão é constituído pelos vocábulos **Literatur** e **Betrieb**, que significa empresa, empreendimento ou indústria. A adoção do termo *sistema literário* em detrimento de *indústria literária* se dá por duas razões: a primeira delas busca uma aproximação com o conceito de sistema literário corrente na língua portuguesa, dialogando com os estudos de língua e sociedade presentes na sociologia e estudos literários brasileiros. O próprio David-Christopher Assmann designa, neste texto, **Literaturbetrieb** como a totalidade das atividades literárias em uma determinada sociedade, deixando claro o emprego dos aportes metodológicos da sociologia em suas análises e uma alguma similaridade com a ideia de *sistema literário* tal conhecemos dos estudos literários brasileiros. A segunda razão diz respeito ao emprego do termo *indústria* relacionado às manifestações socioculturais. Tanto a indústria cultural [**Kulturindustrie**], de Theodor Adorno & Max Horkheimer, quanto o termo indústria musical [**Musikindustrie**], na Alemanha, utilizam a palavra **Industrie**, e não **Betrieb**. Em conversa com o autor, o termo *indústria literária* foi aqui desconsiderado para não o aproximar demasiado à Escola de Frankfurt. Enquanto o termo **Kulturindustrie** foi popularizado na obra *Dialética do Esclarecimento*, em 1944, o termo **Literaturbetrieb** é mais antigo, tendo sido empregado por autores como Carl Ossietzky e Kurt Tucholsky em diversos ensaios na revista **Weltbühne**, que circulou em Berlim entre 1905 até 1933. Assim, quando se lê aqui o termo *sistema literário* é preciso ter em mente que se está tentando aproximar alguns aspectos do conceito familiar à academia brasileira, havendo também uma carga semântica que remete à ideia de empresa, empreendimento ou o funcionamento do mercado da literatura (Nota do Tradutor).

⁴ Doutor em Literatura pela Goethe-Universität-Frankfurt. Professor Assistente de Literatura na Otto-Friedrich-Universität Bamberg. david-christopher.assmann@uni-bamberg.de

praxeologischer Forschung vor und diskutiert Perspektiven und Desiderate einer Literaturwissenschaft literaturbetrieblicher Praktiken.

Schlüsselwörter: Literaturbetrieb, Literaturbetriebspraktiken, Methodologie.

Definição

As práticas do sistema literário [*Literaturbetriebpraktiken*] designam as formas — regulamentadas, tipificadas e reiteradas — de atividades baseadas em ações e sinais, através das quais os agentes do campo literário produzem, recebem, intermediam, promovem e realizam a mediação da literatura. No foco da pesquisa da ciência da literatura está a dimensão performática e material das atividades literárias, que possibilitam e/ou restringem a criação da literatura. Estas são, portanto, as circunstâncias práticas do campo literário [*literarischen Feldes*], que permitem aos textos literários chegar à sua forma em primeiro lugar, e mais ainda: as práticas do sistema literário estão elas próprias sujeitas a uma forma determinada, que será levada em consideração pelos estudos literários. Com isso, em primeiro plano estão as questões sobre a execução prática das atividades literárias, as questões sobre a reprodução da literatura — em parte rotinizadas, em parte indeterminadas — e as questões sobre o envolvimento das dimensões simbólicas bem como materiais do texto literário em um contexto de práxis social.

20

Premissas básicas de cunho prático-teórico

No que tange às abordagens das ciências sociais de orientação praxiológica, que foram reunidas após a virada do milênio, especialmente pelo sociólogo da cultura Andreas Reckwitz, essas práticas podem ser compreendidas como um entrelaçamento das atividades humanas ordenadas de forma social e culturalmente organizadas e padronizadas. Esses processos de ação se atualizam primeiro ou somente na sua própria execução como “uma prática reiterada de comportamento que depende do ‘know-how’ prático de ‘entendimento’” (RECKWITZ, 2003, p. 289). A “‘menor unidade’ do social” (id., p.290) é formada, nesta perspectiva, menos por uma parcela pequena de ficções de agentes geradas discursivamente, textualmente ou comunicativamente ou por agentes individuais concretos, mas sim por um “nexo de fazeres e dizeres” (SCHATZKI, 1996, p.89) diversificado e constantemente repetido. No que tange às “performances que dependem de conhecimento” (RECKWITZ, 2004, p.43), as abordagens teórico-práticas acentuam a materialidade do social e da lógica implícita e informal da vida social. É justamente porque as atividades dos agentes sociais, que se estabeleceram pelo hábito, se baseiam em uma composição de conhecimento que elas são ancoradas de forma material: a

compreensão interpretativa, o conhecimento metodológico e o conhecimento motivacional-emocional como as três formas centrais de conhecimento da prática social (RECKWITZ, 2003, p.292) são, por um lado, incorporados aos corpos dos agentes ativos. Por outro lado, os movimentos e as atividades rotineiras do corpo do agente geralmente se referem a determinados artefatos.

Caso uma prática social forneça um campo de atuação, com regras e instrumentos de atuação para um respectivo agente, isso resulta não apenas em formas de rotinização, como também em chances para a imprevisibilidade. A abertura fundamental para os contextos de práxis, a temporalidade da execução prática, o acoplamento distenso de práticas em campos sociais e a sobreposição de diferentes formas de conhecimento dentro de um respectivo agente permitem constantemente imprecisões interpretativas (RECKWITZ, 2003, p.294-296). Consequentemente, o foco da análise praxiológica situa-se assim nesse momento da dinâmica e nessa possível variação das codificações já existentes. Em essência, essas últimas podem ser diferenciadas de forma heurística em dois níveis: por um lado, elas abrangem a performance corporal (por exemplo, as expressões faciais, a gesticulação, a voz, a vestimenta) e, por outro, o conhecimento incorporado, o conhecimento interpretativo e o emprego de signos, como manifesto em textos literários no caso da literatura. A escrita literária, compreendida como prática, pode ser analisada com relação ao seu uso específico de signos linguísticos. O que interessa aqui é o conhecimento de determinadas formas, tanto de estilo, quanto de conteúdo ou de formas de gênero. Por outro lado, foca-se aqui também na corporeidade e na repetição habitual da prática: o escrever em uma escrivaninha, com uma máquina de escrever, conduzir uma caneta com a mão ou digitar em um teclado de computador. A escrita literária, o cumprimento de uma prática reiterada de comportamento atualizada pelo conhecimento incorporado, é capaz de, em última análise, produzir uma forma de texto específica de forma a ser “reconhecida e avaliada pelo *Peer Group* como *hábil*” (LÖFFLER, 2014, p.82).

O sistema literário, entendido como a totalidade das atividades literárias, representa assim o local da complexa interação das formas da práxis literário-industriais rotineiras, habitualmente imprevisíveis, indeterminadas e inovadoras. Os que tomam parte nos processos literário-industriais podem ser descritos como agentes “que — dentro das comunidades de ação institucional, historicamente isoláveis — comunicam e autorizam certos *movimentos* por meio de rituais performáticos treinados” (id., p. 84). Ou seja, é o conceito de ação comunitária, sancionado pelos rituais, que produz, intermedia e recebe a literatura na forma de atividades socialmente reguladas e organizadas, criando dessa maneira a forma e a relevância de certos textos literários por meio de momentos de reconhecimento [*Momente der Wiedererkennbarkeit*]. Pela ótica dos estudos

literários de orientação praxiológica, o sistema literário concentra-se nas práticas reiteradas de casas literárias⁵ ou editoras, assim como as formas de emprego de artefatos técnicos e midiáticos, na colaboração entre autor e editor (as correções digitais, a correspondência via e-mail, as anotações com lápis, etc.) ou mesmo nas características das performances de gênero de autores em painéis de debates, nos perfis de autores ou nas suas leituras comentadas. Fenômenos literários são compreendidos no “*doing*”, como uma realização de práticas, na medida em que podem ser descritos “nem como efeitos exclusivamente discursivos, nem como construções textuais” (BIERWIRTH ET AL., 2012, p.12). Em vez disso, elas exigem uma perspectiva que se concentre na relação recíproca e na interação entre o texto literário e a práxis sistemática da literatura.

Enquadramento histórico-investigativo

A investigação das práticas sistemáticas da literatura no âmbito dos estudos literários baseia-se em um conglomerado de importações de teorias das ciências sociais de natureza cultural-teórica e de base social-construtivista, que não têm um vocabulário padronizado, têm diferenças teóricas consideráveis e estão levemente vinculados entre si. Apesar ou justamente por causa dos apelos por uma “*Practice Turn*”, não existe algo como uma “praxiologia”. Para uma teoria das práticas sociais, teoria da prática ou praxiologia, tal qual proposta em diferentes programas de pesquisa nas ciências sociais e culturais — da sociologia das organizações à análise do estilo de vida; das ciências do esporte aos estudos de gênero —, é fundamental uma variedade de abordagens, que possam se beneficiar da filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein, do trabalho etnometodológico de Harold Garfinkel, dos estudos de Michel Foucault sobre as tecnologias do eu e da teoria da Performatividade de Judith Butler, entre outros. Por mais heterogêneas que sejam essas abordagens, elas convergem em pelo menos dois aspectos: em primeiro lugar, elas restringem demasiado a concepção teórica de agente individual. Elas se distanciam dos modelos de ação que historicamente se interessam pela intenção das ações (*Rational Choice*, *Homo Sociologicus* etc.). Porém, segundo as abordagens orientadas pela praxiologia, não é exatamente a assim dita intencionalidade que vai determinar as ações individuais, por exemplo, por meio de raciocínios de custo-benefício ou diretrizes normativas, mas sim a “rotinização dependente do conhecimento” (RECKWITZ, 2003, p.293) nas práticas. Os objetivos ou interesses são, portanto,

⁵ Na língua alemã, a casa literária [*Literaturhaus*] é um termo que designa instituições voltadas para a divulgação da literatura (geralmente contemporânea) e a promoção de debates sobre obras. Sua administração se dá geralmente por órgãos públicos ou por cooperativas de livrarias locais, sendo geralmente organizadas em forma de fundação ou associação [N.T.].

complexos socialmente convencionados de motivos e emoções, incorporados pelos agentes e podendo ser "redefinidos" por eles como intenções individuais em retrospecto (id.). Consequentemente, não é a determinação de uma intenção de agir, independentemente de sua natureza, mas a "forma de ação" específica (ELIAS et al. 2014, p.4) que está no centro do interesse da pesquisa. Em segundo lugar, as abordagens baseadas na teoria da prática expandem mais ou menos a compreensão dos atores nas ciências sociais: Com a concentração programática da pesquisa na dimensão material da ação, o foco não está ou não está apenas nas disposições intelectuais, mentais ou cognitivas, mas também e especialmente nas performances físicas e nas formas de lidar com artefatos, que às vezes — como na teoria do ator-rede de Bruno Latour — são eles próprios atribuídos a um ator ou "status de ator". As coisas devem ser entendidas como "um elemento parcial das práticas sociais" (Reckwitz, 2003, p.291), que muitas vezes tornam certas práticas sociais possíveis em primeiro lugar.

Dentro da pesquisa sociológica da literatura acerca das práticas do sistema literário, os trabalhos do sociólogo francês Pierre Bourdieu e sua teoria do Campo Literário como base de uma sociologia da literatura de orientação praxiológica se impuseram como modelo desde, pelo menos, a virada do milênio (conforme os trabalhos de Joch und Wolf, 2005). O recurso da teoria sociológica do campo promete, entre outras coisas, ser capaz de se mover dentro da estrutura do projeto de uma história social da literatura, que permaneceu inacabada nos anos 1970 e início dos anos 1980, sem simplesmente ter que cumprir sua "promessa" literário-sociológica (cf. Fohrmann 2000). Essa promessa assegurava um modelo de comunicação da literatura que possibilitaria mais ou menos "deduzir" a forma da literatura a partir dos contextos sociais. A pesquisa estava interessada em investigar as relações de condição entre os contextos sociais e os textos literários: o ponto de partida foi a menção que assegurou uma referência marcada como "social" em um sentido mais amplo. Assim compreendida, a relação condicional entre a literatura e a estrutura social legitimou a produção, a mediação e a recepção da literatura com a ajuda de um modelo que incluía a totalidade dos contextos literários da forma mais abrangente possível. Em todos esses fatores, foi assumida a irreversibilidade dos contextos sociais e dos textos literários: O "social" "condiciona" a literatura, e não o contrário. De maneira oposta, os estudos orientados pela teoria de campo estão preocupados em localizar a literatura dentro da estrutura social sem incorporar uma assimetria na relação entre "literatura" e "sociedade". Depois do "'fim' da história literária como história social" (TOMMEK & BOGDAL, 2012, p.8), a reversibilidade fundamental dos contextos sociais e dos textos é agora enfatizada, ou seja, a renúncia a "uma sociologia de determinação 'externa' imediata" (id.).

O sistema literário é logicamente compreendido, dentro da perspectiva teórica do campo, como um campo de forças autônomo-relacionais dentro do espaço social, estruturado a partir de "uma rede de relações objetivas [...] entre posições" (BOURDIEU, 2005, p.365). Dessa maneira, os agentes literários estão envolvidos em uma "batalha sem fim" (id., p. 364), uma batalha estabelecida estruturalmente no meio socioeconômico dos textos literários, cujo "propósito" é a obtenção de um poder de consagração. O campo representa o espaço do possível literário e impõe "um sistema de categorias (sociais) de percepção e classificação" (id., p.373) a todos os agentes que reconhecem e internalizaram a sua lógica. Se a estrutura do campo define e limita "o universo do pensável e do impensável" (id.), esse é o ponto teórico em que Bourdieu vincula a teoria do campo ao conceito de habitus: pois ele descreve a soma incorporada de capital que um ator possui para poder tomar parte na luta de posicionamento do campo. Trata-se de uma "matriz de padrões de percepção, pensamento e ação que providencia a congruência de práticas e expressões de gosto nas mais diversas áreas de ação" (JOCH, 2009, p.393). O campo literário disponibiliza o contexto que influencia em essência o sistema literário e as suas práticas reiteradas. Essas últimas podem, por um lado, ser alteradas [*variiert*] em sua execução segundo disposições específicas, mas são, por outro lado, sempre codificadas segundo uma forma específica do campo e, por isso, podem ser previstas em certos aspectos. Sempre considerando que o processo de surgimento da literatura é um "evento estrutural no campo literário" (POROMBKA, 2006, p.75), a literatura e o sistema não estão em oposição um ao outro, mas são recíprocos.

Tendências atuais da pesquisa praxiológica

Em termos de programa de investigação científica e de história da disciplina no contexto dos estudos literários, por mais bem-sucedida e relevante que seja a teoria do campo literário de Bourdieu, desde a década de 2010 tem-se apontado que os trabalhos teóricos que empregam a teoria do campo tendem a perder de vista a dimensão textual. A concentração nas práticas dos agentes literários e as suas relações mútuas no campo interessa-se na dimensão social da prática do sistema literário. O que ela negligencia é a "coagulação [*Gerinnen*] da prática em texto" (BIERWIRTH ET AL., 2012, p.13). O fato de que os textos literários em particular, como produtos artificiais de práticas de negócios literários, por sua vez, carregam consigo um conhecimento "sobre suas próprias condições de produção, mediação e recepção" (id.) é cada vez mais enfatizado por abordagens mais recentes, sem que um programa de pesquisa concreto, coerente e elaborado tenha surgido a partir disso. Essas abordagens encontram seu denominador comum ao enfatizar a restrição que as práticas comerciais literárias podem impor à realização de qualquer

tipo de poesia "pura". A expansão praxiológica do escopo dos estudos literários para além dos processos de escrita de textos individuais, porém, está também, acima de tudo, associada à suposição de que não apenas a "lógica imanente ao texto da produção do design do mundo literário" (ZANETTI, 2010, p.26), mas também os processos das condições estruturais do trabalho literário estão comprometidos com uma "poética comunitária" (THEISOHN & WEDER, 2013, p.13). Referindo-se ao pressuposto — que tem as cores da história social — de que a prática sistema literário deve "também ter consequências para a constituição poética da literatura" (id., p.7), tais estudos literários de orientação prática estão logicamente preocupados com uma concepção dos fenômenos do sistema literário como um processo cibernético que relaciona a "análise das estruturas internas do texto" (ZANETTI, 2010, p.27) à análise das formas de práticas específicas do campo. Estas últimas não podem ser deduzidas de forma causal das intenções, interesses ou motivos de determinados agentes do sistema literário, como ocorre regularmente de forma previsível na maneira como alguns participantes dos debates em Feuilletons na virada do milênio se auto-descreviam (no contexto sensacionalista em torno de Norbert Gstrein, Martin Walser, Charlotte Roche e outros). Ao contrário, as diferentes práticas reiteradas e performances do campo literário e sua relevância para a forma dos textos literários interagem de maneira tão complexa e sempre inesperada, porque contingente, que é muito mais relevante discutir-se "fenômenos de surgimento" (FRANK, 1998, p.75) dos conglomerados de práticas do sistema literário. Para além das análises agora muito amplas das práticas de autoria (cf., por exemplo, KYORA, 2014), os estudos literários, cujos aportes teóricos se baseiam na práxis, têm se concentrado até agora em várias práticas do sistema literário, particularmente em estudos individuais. Isso inclui campos de interesse tão diversos como as práticas reiteradas de concessão de prêmios literários como rituais encenados como performance (DÜCKER, 2009), festivais literários como práticas de marketing literário condensadas temporal e espacialmente (WEGMANN, 2002) ou o funcionamento de modas e *hypes* literários (ZEMAN, 2012), para citar apenas três exemplos desse campo geralmente muito heterogêneo.

A tese de que as práticas do sistema literário seguem uma certa poética ou, pelo menos, projetam uma, encontram sua mais nítida expressão nas cenas do sistema literário. Seguindo a pesquisa da cena da criação literária, que enfatiza a fisicalidade, a semântica e a instrumentalidade da escrita individual (CAMPE, 1991), a questão aqui é se e até que ponto as práticas necessárias dos agentes e das organizações para a publicação de um texto como obra literária realmente participam do processo de escrita de textos literários e até que ponto isso, por sua vez, tem um impacto nas rotinas do sistema literário.

Consequentemente, não é de interesse estudar apenas a interação das formas socialmente reguladas de atividades (baseadas em ações e sinais) em sua variação histórica e factual no campo literário. Nas cenas do sistema literário, a configuração socioestrutural da literatura estimula as distinções poetológicas que, em sua forma, apontam para além do domínio da autorreflexão programática: encenações como as de Thomas Glavinic (*Das bin doch ich*), Bodo Kirchoff (*Schundroman*), Andreas Maier (*Sanssouci*) ou Marlene Streeruwitz (*Nachkommen*) convergem para a assimilação temática e a regulação das formas literárias pelos agentes do sistema e suas práticas (ASSMANN, 2014). Nesses casos, a configuração socioestrutural dos textos literários, conforme fornecida pelas formas reiteradas de práticas literárias no sistema, é de relevância essencial para a forma literária na qual a literatura é produzida, mediada ou recebida nas e com as práticas sociais, que o próprio texto literário torna literário.

Perspectivas de uma ciência da literatura das práticas do sistema literário

Apesar dessas abordagens apresentadas, ainda não existe um programa de pesquisa abrangente e de cunho prático-teórico uniforme para analisar as várias atividades tipificadas, reiteradas e socialmente compreensíveis no campo literário em toda a sua amplitude e diversidade. Porém, é possível identificar, dentro dos estudos literários, alguns marcos no estudo das práticas do sistema literário. Dessa maneira, foi formulada uma heurística do conhecimento incorporado específico do campo e das performances correspondentes, principalmente para as práticas de encenação dos autores. Em sua proposta, Christoph Jürgensen e Gerhard Kaiser unem o conceito de paratexto literário de Gérard Genette às suposições básicas da teoria de campo. Eles definem práticas de encenação como "aquelas técnicas e atividades textuais, paratextuais e habituais de escritores nas quais ou com as quais eles geram atenção pública para sua própria pessoa, para seu trabalho e/ou para seus produtos" (JÜRGENSEN & KAISER, 2011, p.10). Dessa maneira, as práticas de encenação do si mesmo e dos outros por parte dos autores buscam possibilitar o acesso a posições determinadas dentro do campo literário, gerando assim atenção. As práticas de encenação sempre têm uma dimensão social que precisa ser considerada em termos de praxiologia. O objetivo da análise é "marcar e tornar visível uma posição distinta e reconhecível dentro do campo literário" (id.). Heuristicamente, as práticas literárias vão se distinguir entre a sua dimensão local de encenação — que pergunta sobre o lugar ou a posição de uma dada atividade em relação ao texto — e a sua natureza, ou seja, a dimensão habitual (id., p.11). Dessa maneira, o foco de orientação praxiológica está nos peritextos (prefácios, títulos, anotações ou estilos de escrita específicos do campo) e nos

epitextos (entrevistas, resenhas, debates em *feuilletons*). Essas formas textuais podem ser apoiadas por práticas habituais de encenação cuja referência não é, em primeiro lugar, os respectivos textos literários, mas "um 'estilo de vida' específico que já não pode mais ser reconstruído apenas por meios filológicos" (id., p.13).

Por mais que a pesquisa sobre a encenação da autoria se beneficie da perspectiva praxiológica e da teoria do campo, o programa de pesquisa de Jürgensen e Kaiser, ao observar o espectro das práticas do sistema literário, caracteriza-se antes de tudo pela produtiva discussão do vácuo criado pelas teses de Michel Foucault e Roland Barthes, que relativizavam a noção de autoria (sendo que o programa seguiu também a tese do "retorno do autor", do final da década de 1990). Se, a partir de uma perspectiva praxiológica, os estudos literários têm como objeto não apenas os textos "propriamente ditos", mas também a heterogeneidade específica das condições gerais do trabalho literário, então não serão somente as práticas dos escritores que vão se tornar visíveis. Pois, no final das contas, através de suas atividades baseadas em ações e sinais, os autores se relacionam com outros agentes do campo literário. Toda a configuração socioestrutural da produção, distribuição e recepção de textos literários, é interessante: da mesa de trabalho e da oficina de criação literária, da crítica literária e da publicação, do arquivo literário e das agências literárias, às influências econômicas, políticas, legais, religiosas e da mídia de massa. O esboço de uma tipologia das práticas (e práticas de encenação) literárias, compreendidas como práticas do sistema literário, devem se estender aos outros agentes no campo literário. É necessário investigar aqui o conjunto das atividades tipificadas e socialmente organizadas de editores, de revisores, críticos literários, bibliotecários, etc., e também de instituições, como casas literárias, escolas de poesia, oficinas de escrita criativa e também nos vários formatos de mídia, rádio, internet ou televisão, e perguntar com isso sobre o conhecimento incorporado nesses campos de atividade e as performances específicas dessas atividades.

Para se sistematizar o conjunto das práticas reiteradas de atividades socialmente reguladas e tipificadas, conforme elas se manifestam em formas de conhecimento e desempenho dentro do sistema literário, pode-se realizar uma diferenciação entre essas práticas provisoriamente de acordo com as suas funções específicas. Seguindo uma sugestão de Matthias Beilein, as rotinas das atividades do sistema literário devem ser diferenciadas de acordo com o fato de estarem envolvidas (1) no processo de criação, (2) na mediação, (3) na mediatização e/ou (4) na promoção ou preservação da literatura (BEILEIN, 2011, p.182). Com base nessa estruturação aproximada, a heterogeneidade das formas de práticas condensadas, por exemplo, no contexto de editoras, agências literárias, festivais literários ou arquivos literários, pode ser heurísticamente diferenciada

e qualificada em termos de suas diferenças. O interesse da análise praxiológica ancorada aqui se baseia essencialmente em duas etapas (RECKWITZ, 2003, p.293-294), como pode ser exemplificado pelas práticas do editor.

O editor, situado principalmente na área funcional da criação de literatura, é inicialmente marcado por duas características: primeiro, como um companheiro constante de autores e editores, ele está "envolvido em todos os estágios da produção de livros" (HÖMBERG, 2010, p.96). Segundo, suas atividades raramente são reconhecidas como tal pelo público literário. Sua área de trabalho fica "nos bastidores", no funcionamento interno da editora. Não é à toa que a atividade editorial é descrita com várias metáforas que se referem ao editor como um "ser desconhecido" (id., p.13) ou, por exemplo: como uma "parteira intelectual", "eminência parda", "zelador literário" ou "eremita" do sistema literário (SCHNEIDER, 2005, p.24-25). A análise praxiológica começa nesse ponto e desconstrói as imaginações que circulam publicamente na heterogeneidade das práticas cotidianas que determinam as atividades editoriais: Práticas de colaboração com o autor — como correspondência escrita ou verbal, encontro em um café, análise conjunta do manuscrito, trabalho individual —, práticas de interação com outros agentes do sistema — lidar com colegas na editora, entre editores, em conferências editoriais, com o departamento de marketing, no contexto de aparições públicas — e práticas de si mesmo, por exemplo, em autorrevelações em painéis de discussão ou em publicações ensaísticas.

Se a natureza do editor "com a dupla face de Jano" (HÖMBERG, 2010, p. 111), enfatizada pelos trabalhos empíricos da sociologia do trabalho, puder ser fundamentada de forma praxiológica na diferenciação da heterogeneidade das diversas atividades editoriais, então as diversas rotinas e o conhecimento incorporado do editor passam a ser vistos como uma espécie de "prática fronteiriça". Com base nisso, a função editorial "(mediadora) entre editor e autores" (id., p.20) poderia então ser examinada tanto em termos concretos nas formas individuais de prática, como na posição enfatizada do editor no campo de tensão entre as referências dos campos literário e econômico. A oscilação de sua função entre a posição do "descobridor literário e especialista literário", que se preocupa com o "compromisso literário", e o "gerente de produto", orientado para o sucesso econômico e o marketing (SCHNEIDER, 2005, p.9), poderia ser examinada dessa forma, usando práticas concretas.

Por fim, as lógicas informais que estruturam a prática do editor, invocadas em tudo isso, podem ser reconstruídas pelo fato de que a análise teórico-prática investiga as formas altamente específicas de conhecimento que possibilitam as práticas do indivíduo: as formas de compreensão implícita e o conhecimento metodológico, bem como as motivações específicas do campo que permitem as práticas de si próprio, as práticas do

trabalho editorial, de lidar com autores e colegas no campo literário. Essas questões relativas ao conhecimento incorporado são relevantes, na medida que ao editor (juntamente com outros agentes do setor literário, como revisores, livreiros e agentes e críticos literário) é atribuído o poder de decidir legitimamente quais textos e quais autores devem ser incluídos no sistema literário (e quais não devem). Nessa "função de guardião" (GRAU, 2006, p.139), o editor atua como um filtro de qualidade que, como "primeiro leitor", examina os textos recebidos pela editora e seleciona aqueles que, segundo ele, atendem a determinados critérios literários e encontrarão um público leitor no mercado. Mas o que significa, na prática, realizar um trabalho editorial? O que "podem" esses agentes quando atuam como "guardiões na muralha" da empresa? Qual o conhecimento necessário para buscar padrões de expectativa específicos do campo e também para estabelecê-los e aplicá-los no campo literário, mesmo que de forma temporária? O que significa a tarefa central do trabalho editorial, que é acompanhar o autor na criação de seu texto literário? E como deve ser entendido o procedimento das práticas altamente complexas associadas de encorajar, motivar a cooperação e, de fato, de "coescrever" o manuscrito?

Aspirações de Pesquisa

Além da questão da execução concreta de programas de pesquisa praxiológica nos estudos literários, é principalmente o problema da relação entre as práticas dos estudos literários e as práticas do sistema literário, mencionadas acima, que deve ser fundamentalmente esclarecido. As práticas dos acadêmicos literários, que são mantidas juntas por conhecimento implícito, metodológico e interpretativo, podem ser descritas como posições no campo literário (contemporâneo) ou elas recaem em códigos completamente diferentes? Por um lado, a abertura teórico-prática dos estudos literários (especialmente os estudos literários contemporâneos) em contextos pragmáticos de pesquisa corresponde repetidamente à inclusão extensiva dos agentes no campo literário, cuja práxis gostaríamos de estudar. Assim, workshops, conferências ou séries de palestras sobre literatura contemporânea estão desfrutando de status profissional do sistema como algo natural — sem que seu benefício cognitivo concreto — além de um "olhar detalhado" difuso e anedótico — seja claramente marcado ou suficientemente refletido nos estudos literários.

Por outro lado, os programas de pesquisa com orientação praxiológica não acompanham apenas uma evidente expansão do objeto dos estudos literários, mas também, especialmente, uma expansão da área de competência. Isso é exigido de forma mais consistente pelos trabalhos de análise cultural de Stephan Porombka, que, até certo

ponto, defende a fusão da literatura, da crítica literária e dos estudos literários no que ele chama de "campo literário". Ele argumenta a favor de um conjunto de métodos nos estudos literários que "permite que os estudiosos da literatura participem dos debates atuais no campo, ou seja, que não sejam apenas observadores e registradores de um grupo em um campo, mas que pertençam a esse grupo e a esse campo ao mesmo tempo" (POROMBKA, 2010, p.87). Não se trata apenas da integração interdisciplinar de princípios teórico-práticos no estudo da literatura e a consequente expansão de seu escopo, de forma a incluir rotinas de comportamento específicas do campo. Trata-se de um programa específico de "estudos literários aplicados", que, em última análise, resulta na convergência dos estudos literários com as práticas do sistema literário. O trabalho dos estudos literários é definido como um local de reflexão no campo literário, onde o seu estudo — baseado na teoria da prática — tem o objetivo de "não apenas diagnosticar o fracasso em caso de fracasso, mas também contribuir para o sucesso por meio do acompanhamento crítico e totalmente cético do que acontece dentro do sistema" (JOHANNSEN, 2012, p.279). Vale a pena considerar essa abordagem, principalmente porque os estudos literários são confrontados com uma reivindicação que simplesmente não podem cumprir estruturalmente. É claro que os acadêmicos de literatura que atuam como moderadores de eventos literários, por exemplo, podem criar relevância no campo literário. No entanto, quando trabalham em contextos de estudos literários, suas rotinas estão relacionadas às expectativas do campo acadêmico e não do campo literário. Com a demanda de organizar os processos de atividades de negócios literários de forma mais eficiente no sentido das racionalidades literárias, as atividades de estudos literários são colocadas em um estado de sobrecarga constante, que vai muito além das demandas frequentemente encontradas por mais relevância prática por parte dos estudantes e deve ser discutida em mais detalhes.

Pela ótica dos estudos literários em particular, no entanto, há uma outra questão relativa à integração de abordagens teórico-práticas. Por mais promissora que a perspectiva praxiológica possa ser para uma investigação do sistema literário, também deve ser destacado que programas de pesquisa orientados pela prática, especialmente seguindo o trabalho de Reckwitz, sempre defendem pelo menos uma coisa: a tese de que as análises culturais que se concentram apenas nos textos permanecem necessariamente deficientes. É precisamente a concentração associada à dimensão social do literário que questiona a atividade central das análises literárias. Mesmo que a recepção mais recente das abordagens teórico-práticas nos estudos literários a ignore parcialmente, a questão fundamental é em que base material concreta as práticas sociais no campo literário podem ser analisadas, "se não em uma base textual" (BABLER, 2005, p.105). Se o

interesse na forma dos textos literários não pode ser buscado apenas em um nível gramatical e semântico, mas deve sempre estar relacionado à práxis literária, surge a questão de saber se esse contexto socioestrutural pode ser entendido como um conglomerado de práticas — ou se não é simplesmente composto textualmente e efetuado como uma ligação paradigmática entre textos.

Referências

ASSMANN, David-Christopher (2014). *Poetologien des Literaturbetriebs*. Szenen bei Kirchhoff, Maier, Gstrein und Händler. Berlin und Boston, MA.

BASSLER, Moritz (2005). *Die kulturpoetische Funktion und das Archiv*. Eine literaturwissenschaftliche Text-Kontext-Theorie. Tübingen.

BEILEIN, Matthias (2011). „Literaturbetrieb“. Lexikon Literaturwissenschaft. Hundert Grundbegriffe. Hrsg. von Gerhard Lauer und Christine Ruhrberg. Stuttgart: 181–183.

BIERWIRTH, Maik; JOHANNSEN, Anja; ZEMAN, Mirna (2012). „Doing Contemporary Literature“. *Doing Contemporary Literature*. Praktiken, Wertungen, Automatismen. Hrsg. von Maik Bierwirth, Anja Johannsen und Mirna Zeman. München: 9–23.

BOURDIEU, Pierre (3 2005). *Die Regeln der Kunst*. Genese und Struktur des literarischen Feldes. Übersetzt von Bernd Schwibs und Achim Russer. Frankfurt a. M.

CAMPE, Rüdiger (1991). „Die Schreibszene. Schreiben“. Paradoxien, Dissonanzen, Zusammenbrüche. Situationen offener Epistemologie. Hrsg. von Hans Ulrich Gumbrecht und K. Ludwig Pfeiffer unter Mitarbeit von Irene Chytraeus-Auerbach et al. Frankfurt a. M.: 759–772.

DÜCKER, Burckhard (2009). „Literaturpreise“. Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik 39.154 (2009): 54–76.

ELIAS, Friederike et al. (2014). „Hinführung zum Thema und Zusammenfassung der Beiträge“. *Praxeologie*. Beiträge zur interdisziplinären Reichweite praxistheoretischer Ansätze in den Geistes- und Sozialwissenschaften. Hrsg. von Friederike Elias, Albrecht Franz, Henning Murmann und Ulrich W. Weiser. Berlin und Boston, MA: 3–12.

FOHRMANN, Jürgen (2000). „Das Versprechen der Sozialgeschichte (der Literatur)“. Nach der Sozialgeschichte. Konzepte für eine Literaturwissenschaft zwischen Historischer Anthropologie, Kulturgeschichte und Medientheorie. Hrsg. von Martin Huber und Gerhard Lauer. Tübingen: 105–112.

FRANK, Dirk (1998). „Zwischen Deliteralisierung und Polykontextualität. Günter Grass' Ein weites Feld im Literaturbetrieb“. *Baustelle Gegenwartsliteratur*. Die neunziger Jahre. Hrsg. von Andreas Erb unter Mitarbeit von Hannes Krauss und Jochen Vogt. Opladen und Wiesbaden: 72–96.

GRAU, Renate (2006). *Ästhetisches Engineering*. Zur Verbreitung von Belletristik im Literaturbetrieb. Bielefeld.

HÖMBERG, Walter (2010). Lektor im Buchverlag. Repräsentative Studie über einen unbekannten Kommunikationsberuf. Unter Mitarbeit von Susanne Pypke und Christian Klenk. Konstanz.

JOCH, Markus (2009). „Literatursoziologie/Feldtheorie“. Methodengeschichte der Germanistik. Hrsg. von Jost Schneider unter redaktioneller Mitarbeit von Regina Grundmann. Berlin und New York, NY: 385–420.

JOCH, Markus; WOLF, Norbert Christian (Hg.) (2005). *Text und Feld*. Bourdieu in der literaturwissenschaftlichen Praxis. Tübingen.

JOHANNSEN, Anja (2012). „Zuviel zielwütige Kräfte? Der Literaturveranstaltungsbetrieb unter der Lupe“. *Doing Contemporary Literature*. Praktiken, Wertungen, Automatismen. Hrsg. von Maik Bierwirth, Anja Johannsen und Mirna Zeman. München: 263–281.

JÜRGENSEN, Christoph; KAISER, Gerhard (2011). „Schriftstellerische Inszenierungspraktiken – Heuristische Typologie und Genese“. *Schriftstellerische Inszenierungspraktiken – Typologie und Geschichte*. Hrsg. von Christoph Jürgensen und Gerhard Kaiser. Heidelberg: 9–30.

KYORA, Sabine (Hg.) (2014). *Subjektform Autor*. Autorschaftsinszenierungen als Praktiken der Subjektivierung. Bielefeld.

LÖFFLER, Philipp (2014). „Was ist eine literarische Epoche? Literaturgeschichte, literarischer Wandel und der Praxisbegriff in den Geistes- und Sozialwissenschaften“. *Praxeologie*. Beiträge zur interdisziplinären Reichweite praxistheoretischer Ansätze in den Geistes- und Sozialwissenschaften. Hrsg. von Friederike Elias, Albrecht Franz, Henning Murmann und Ulrich W. Weiser. Berlin und Boston, MA: 73–96.

32

POROMBKA, Stephan (2006). „Literaturbetriebskunde. Zur ‚genetischen Kritik‘ kollektiver Kreativität“. *Kollektive Kreativität*. Hrsg. von Stephan Porombka, Wolfgang Schneider und Volker Wortmann. Tübingen: 72–87.

_____ (2010). „Gegenwartsliteraturwissenschaft. Von der interpretativen Mumien-Betrachtung zur Operation am offenen Herzen“. *Wie über Gegenwart sprechen? Überlegungen zu den Methoden einer Gegenwartsliteraturwissenschaft*. Hrsg. von Paul Brodowsky und Thomas Klupp. Frankfurt a. M. et al.: 73–89.

RECKWITZ, Andreas (2003). „Grundelemente einer Theorie sozialer Praktiken. Eine sozialtheoretische Perspektive“. *Zeitschrift für Soziologie* 32.4 (2003): 282–301.

_____ (2004). „Die Reproduktion und die Subversion sozialer Praktiken. Zugleich ein Kommentar zu Pierre Bourdieu und Judith Butler“. *Doing Culture*. Neue Positionen zum Verhältnis von Kultur und sozialer Praxis. Hrsg. von Karl H. Hörning und Julia Reuter. Bielefeld: 40–54.

SCHATZKI, Theodore R. (1996). *Social Practices*. A Wittgensteinian approach to human activity and the social. Cambridge.

SCHNEIDER, Ute (2005). *Der unsichtbare Zweite*. Die Berufsgeschichte des Lektors im literarischen Verlag. Göttingen.

THEISOHN, Philipp; WEDER, Christine (2013). „Literatur als/statt Betrieb – Einleitung“. *Literaturbetrieb*. Zur Poetik einer Produktionsgemeinschaft. Hrsg. von Philipp Theisohn und Christine Weder. München: 7–19.

TOMMEK, Heribert; BOGDAL, Klaus-Michael (2012). „Einleitung“. Transformationen des literarischen Feldes in der Gegenwart. *Sozialstruktur – Medien-Ökonomien – Autorpositionen*. Hrsg. von Klaus-Michael Bogdal und Heribert Tommek. Heidelberg: 7–23. Wegmann, Thomas (2002). „Zwischen Gottesdienst und Rummelplatz. Das Literaturfestival als Teil der Eventkultur“. *literatur.com*. Tendenzen im Literaturmarketing. Hrsg. von Erhard Schütz und Thomas Wegmann. Berlin: 121–136.

ZANETTI, Sandro (2010). „Welche Gegenwart? Welche Literatur? Welche Wissenschaft? Zum Verhältnis von Literaturwissenschaft und Gegenwartsliteratur“. *Wie über Gegenwart sprechen? Überlegungen zu den Methoden einer Gegenwartsliteraturwissenschaft*. Hrsg. von Paul Brodowsky und Thomas Klupp. Frankfurt a. M. et al.: 13–29.

ZEMAN, Mirna (2012). „Literarische Moden. Ein Bestimmungsversuch“. *Doing Contemporary Literature*. Praktiken, Wertungen, Automatismen. Hrsg. von Maik Bierwirth, Anja Johannsen und Mirna Zeman. München: 111–131.